

A representação da *métis* do esparciata Lisandro na Batalha de Egospótamo (405 a.C.)

The Spartan Lysander's 'métis' representation in the Battle of Aegospotami (405 BC)

Luis Filipe Assumpção*

Resumo: No presente artigo, analisaremos a representação da *métis*/astúcia de Lisandro no discurso de Xenofonte e os pressupostos que garantiram a vitória da Confederação do Peloponeso. Para tanto, utilizamos o método de Análise do Discurso proposto por Dominique Maingueneau, com o qual superamos a superficialidade do texto. A Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.) foi um dos eventos mais marcantes discutidos pela literatura antiga, em virtude de seu impacto social. Após aproximadamente vinte e sete anos de guerra, as *póleis* envolvidas nesse conflito estavam exauridas de recursos. Nesse contexto, destacamos que, em 405 a.C., o esparciata Lisandro – valendo-se da riqueza persa – edificou uma estratégia singular de combate para vencer os atenienses na batalha de Egospótamo, sem realizar um combate marítimo direto. Desse modo, a *métis*/astúcia de Lisandro foi representada no discurso literário da Antiguidade como o mecanismo fundamental para o término da Guerra do Peloponeso.

Abstract: In this study, we will assess Lysander's *metis*/cunning representation in Xenophon's speech and the assumptions that ensured the Peloponnesian Confederation victory. To meet this objective, the Discourse Analysis method proposed by Dominique Maingueneau was applied, thus overcoming the superficiality of the text. The Peloponnesian War (431-404 BC) was one of the most striking events discussed in ancient literature, due to its social impact. After approximately twenty-seven years of war, the poleis involved in this conflict became depleted of resources. In this context, it is worth noting that the Spartiate Lysander - using Persian wealth - built a unique combat strategy to defeat the Athenians in the battle of Aegospotami, without engaging in direct sea combat, in 405 BCE. Thus, Lysander's *metis*/cunning was represented in the literary discourse of Antiquity as the fundamental mechanism for the end of the Peloponnesian War.

Palavras-chave:

Esparta;
Lisandro;
Métis;
História Antiga;
Literatura.

Keywords:

Sparta;
Lysander;
Metis;
Ancient History;
Literature.

Recebido em: 09/06/2019
Aprovado em: 30/08/2019

* Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador pertencente ao Laboratório de História Antiga (LHIA) e ao Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade da UFRJ.

Introdução¹

A guerra, à medida que integra uma prática antropológica, manifesta-se no comportamento humano em diversas sociedades, desde a Antiguidade ou até mesmo em um período anterior. As técnicas de guerrear modificam-se de acordo com o contexto histórico, atestando o seu caráter de atividade cultural. Portanto, cada sociedade terá a sua própria maneira de realizá-la. Contudo, Platão (*Leges*, 626 a) adverte que a guerra é uma questão de natureza (*phýsis*).² O filósofo é enfático, destacando que as *póleis* encontram-se em um estado de guerra velada pela qual tentam resolver grande parte de suas diferenças e/ou interesses.

O ato de guerrear *per se* deve ser analisado profundamente para que possamos perceber as suas nuances. Neste caso, ainda que uma batalha direta contra inimigos habilidosos sucedesse como o meio mais valoroso de combate na Antiguidade – a partir do período Arcaico ao Clássico ou mesmo depois –, esta pode não ser o melhor caminho decisivo no campo de batalha. Tal assertiva mostra-se relevante, uma vez que a vitória é um dos propósitos almejados em um conflito; portanto, a forma como os guerreiros agem para obtê-la não deve perpassar unicamente pelo enfrentamento direto. Assim, a nossa proposta neste artigo é discorrer sobre a postura do esparciata Lisandro na batalha de Egospótamo, tendo em vista a forma como se utilizou da sua *métis*/astúcia para vencer os atenienses em um conflito marítimo.

Os pressupostos da Batalha: a *métis* de Lisandro e a presença aquemênida

A Guerra do Peloponeso foi um dos maiores conflitos da trajetória histórica da Hélade no período clássico, sendo até hoje objeto de inúmeras pesquisas. Entretanto, poucos se dedicaram a analisar o desfecho inesperado desta contenda interpoliade, o qual se deu com a derrota ateniense em uma batalha naval, em 405. Portanto, temos como objetivo discutir brevemente os aspectos que garantiram a vitória da Confederação do Peloponeso, perpassando pela *métis* do esparciata Lisandro e o financiamento que Esparta recebeu dos persas para a realização deste empreendimento.

¹ Todas as referências cronológicas deste texto se remetem ao período anterior à era comum, salvo nas ocasiões em que expusermos o contrário.

² A *phýsis* pressupõe a qualidade ou propriedade constitutiva de todas as coisas, podendo ser compreendida como a sua natureza ou maneira de ser (MALHADAS; DEZOTTI; NEVES, 2010, p. 225). Segundo Aristóteles (*Política*, 1252 b 32-33), a *phýsis* seria uma finalidade em si mesma, sendo alcançada em sua totalidade com o desenvolvimento das coisas – nesse caso podemos citar o homem, os animais e um agregado familiar (*oikíā*).

Visando a fundamentar nossa análise, convém destacar que nos limitamos aos textos de Xenofonte,³ tendo em vista que o nosso interesse foi investigar o discurso do autor em conformidade à representação que edificou deste momento histórico. Com isso, verificamos os argumentos desenvolvidos por Xenofonte para exaltar os feitos espartanos após vinte e sete anos de conflito contra a Confederação de Delos.

Isso apenas se tornou possível em virtude das especificidades que o conceito de discurso detém em uma pesquisa historiográfica. Concebemos o discurso, assim como Dominique Maingueneau (1997, p. 29-30, 34) ao defender que este pressupõe uma intenção diretamente vinculada às determinações institucionais e ao lugar no qual o seu enunciador se encontra. Desse modo, o discurso acaba edificando uma imagem idealizada daquilo que se fala, sendo esta uma representação. Nos dizeres de Maingueneau e Patrick Charaudeau (2014, p. 431-433), a representação seria uma forma de se exprimir valores, crenças, apelos e denúncias por meio da imagem que produzimos de um objeto, pessoa e sociedade.

Neste caso, defendemos que o discurso de Xenofonte edificou representações das ações de Lisandro com o objetivo de destacar como os excessos atenienses favoreceram a vitória de Esparta na Guerra do Peloponeso. Embora diversos autores tenham tecido comentários e concebido representações da batalha de Egospótamo, bem como dos feitos de Lisandro, o nosso recorte documental reside no discurso de Xenofonte na *Helênica*.⁴

Ao apresentar Lisandro pela primeira vez na *Helênica* (I, 5, 1), o discurso de Xenofonte manifestou a ideia de que o esparciata havia sido designado para o cargo de navarco para substituir Cratesípidas, cujo tempo de serviço havia expirado. Uma vez que Alcibíades voltou a atuar junto aos atenienses e agia para obter vantagens nas ilhas do Egeu e nas *póleis* da Jônia, tornou-se necessário um navarco hábil o suficiente para rivalizar com o Alcmeônida.

Se considerarmos que Alcibíades provinha de uma família notável entre os atenienses, é quase certo que tenha recebido uma formação capaz de torná-lo um comandante influente, quer seja na sua *pólis*, quer seja no exterior. O fato de Atenas

³ Como nos informou Charles Fornara (1983, p. 32-34), a *Helênica* pertenceria ao gênero historiográfico, inserido na categoria das "Histórias da Hélade", cujo interesse seria demarcar o desenvolvimento das sociedades helênicas após a guerra do Peloponeso. Munido de um tom crítico e muito pertinente, Francis Pownall (2004, p. 65-68) também caracterizou a *Helênica* como uma obra historiográfica dotada de muitas omissões e digressões. Do mesmo modo, Vivienne Gray (2011, p. 44) demarcou a contribuição da *Helênica* para o desenvolvimento do gênero historiográfico grego no período clássico. O texto utilizado por nós foi estabelecido pela *Loeb Classical Library* e traduzido por C. Brownson, bem como pelas passagens traduzidas na LACTOR 21, organizada por Melvin Cooley (2017).

⁴ Alguns dos outros autores da Antiguidade que expuseram considerações sobre a batalha de Egospótamo e a atuação de Lisandro foram: o "historiador de Oxirrinco", Diodoro da Sicília, Polieno, Frontino, Plutarco e o geógrafo Pausânias. Entretanto, reiteramos que o nosso enfoque reside na análise do discurso de Xenofonte, com o intuito de percebermos as suas motivações ao representar os feitos de Lisandro na *Helênica*.

ser uma sociedade voltada, sobretudo, à atividade marítima, os seus estrategos teriam o preparo para liderarem com os exércitos tanto por terra como por mar.⁵ Logo, a escolha de Lisandro como substituto de Cratesípidas deve ser mesclada de acordo com a necessidade dos peloponésios de fazerem frente a um homem com as qualidades militares de Alcibíades. Portanto, a indicação de Lisandro como navarco já denota que o esparciata conservava aptidões de comando propícias para a ocasião.

Por sua vez, a atividade marítima não era uma tradição em Esparta, o que podemos corroborar com Tucídides (VIII, 22, 1), pois, durante as Guerras Greco-pérsicas, um perieco foi designado para a navarquia.⁶ Como os periecos eram considerados lacedemônios, porém, não da mesma estirpe que os esparciatas, não seria estranho que esses assumissem funções menosprezadas pelos cidadãos de Esparta. No entanto, com o desenrolar da Guerra do Peloponeso, a função de navarco acabou tornando-se parte fundamental da dinâmica de guerra, levando Esparta a dedicar maiores atenções ao cargo.

Mesmo nesta perspectiva, os indícios literários acerca de Lisandro afirmaram que este provinha de uma família sem recursos, que havia perdido o direito de cidadania entre os esparciatas.⁷ Caso essa assertiva seja verossímil, o fato de Lisandro ter obtido a navarquia retoma a ideia de que somente pessoas habilidosas, porém, à margem da sociedade espartana, poderiam ocupar este cargo. Ainda que Lisandro fosse parte integrante das redes políticas da dinastia Euripôntida e tenha realizado a paideia sob a tutela de Arquídamos II e/ou Ágis II, ele permanecia em uma categoria social marginalizada até adquirir a influência político-social necessária para ser reconhecido como esparciata.

Assim, citamos o discurso de Aristóteles, na *Política* (1271 a 40), que destacou que no final da Guerra do Peloponeso a navarquia tornou-se influente o suficiente para rivalizar com os diarcas da Lacedemônia. Muito embora o discurso de Aristóteles estivesse submetido ao seu contexto histórico-social, bem como ao seu lugar de fala como meteco, em uma Atenas às vésperas de um enfrentamento com a Macedônia de Filipe II, ele pode nos fornecer indícios sobre a autoridade dos navarcos em Esparta. Destacamos que o filósofo estagirita viveu entre 384 a 322, e vivenciou a desestruturação da *pólis* espartana após a batalha de Leuctra (371). Portanto, grande parte dos discursos acerca da postura de Esparta como *hēgemón* no século IV e das atitudes de Lisandro diante de Atenas e outras sociedades helênicas foram do conhecimento de Aristóteles.

⁵ Em Atenas, o estratego era não somente o comandante do exército como também um cargo político anual com funções militares.

⁶ A navarquia era o comando sobre um navio ou uma frota de navios que, em Esparta, tinha uma duração anual e não poderia ser ocupada pela mesma pessoa mais que uma vez ao longo da vida.

⁷ Plutarco (*Vitae Parallelae, Lysander, 2, 1*) afirmou que Lisandro era de matriz heráclida, porém foi criado na pobreza.

A visão que Aristóteles desenvolveu de Lisandro, da organização político-social e das atitudes de Esparta para com a Hélade, estiveram submetidas à ideia e ao conhecimento que o filósofo teve depois de todo o dismantelamento pelo qual esta sociedade perpassou. Desta maneira, a visão possivelmente desfavorável que Aristóteles desenvolveu de Lisandro e Esparta tenha ligações com a impressão que muitos helenos conceberam no decorrer da primeira metade do século IV.

De todo modo, Aristóteles nos permite conjecturar como a preponderância de Lisandro expandiu-se em virtude do contexto social da Guerra do Peloponeso. Afinal, um homem oriundo de um estrato social de poucos recursos soube utilizar-se da circunstância e de suas habilidades para se destacar entre os lacedemônios, garantindo a sua cidadania e o reconhecimento de grande parte da Hélade. Portanto, uma vez que a *navarquia* era pouco valorizada pelos esparciatas, levantamos a hipótese de que Lisandro obteve esse tipo de *téchnē* por meio de sua formação, à qual não teria se assemelhado ao filho de um esparciata de plenos direitos políticos.⁸ Contudo, a percepção do *navarco* da realidade que o cercava, isto é, a da Guerra do Peloponeso, teria sido fundamental para que ele se dedicasse a esta “arte” e, astuciosamente, fosse reconhecido por Esparta. Sendo assim, o sucesso de Lisandro em desenvolver a *téchnē* da *navarquia* estaria diretamente associado à sua *métis*.⁹

Na *Helênica*, de Xenofonte, verificamos que a postura de Lisandro demonstrava conhecimento das atitudes necessárias para se exercer o comando e dos meios para se legitimar diante dos demais magistrados de Esparta. Isso se manifesta quando o *navarco* e os embaixadores lacedemônios vão ao encontro do sátrapa Ciro, “o Jovem”. O filho de Dario II era um dos sujeitos com os quais Lisandro poderia estabelecer relações políticas e pessoais, visando a benefícios comuns ao sátrapa (Xenophon, *Hellenica*, I, 5, 1). Ainda que nada tenha de impressionante nesse gesto, Lisandro soube aproveitar a circunstância para se tornar uma pessoa confiável e extremamente necessária, tanto para a sua *pólis* como para os seus aliados imediatos.¹⁰

O persa Ciro, “o Jovem”, era uma peça fundamental na dinâmica político-militar dos peloponésios diante das ameaças da “Confederação de Delos”. Afinal, seria por intermédio dos recursos desse persa – construído discursivamente como “bárbaro” – que

⁸ A ideia de *téchnē* pode ser concebida como destreza, habilidade, ofício e até mesmo profissão, na perspectiva de Anatole Bailly (1969, p. 866).

⁹ A relação da *téchnē* com a *métis* foi apresentada no léxico grego de Liddell e Scott (1996, p. 1784-1785), no qual o emprego de certa habilidade de forma astuciosa pressupõe um conhecimento técnico prévio, dotado de perspicácia para materializar tal fim de forma sutil.

¹⁰ Nesse caso, podemos incluir Ciro, a aristocracia da Jônia, os esparciatas que se encontravam na expedição e uma parcela dos membros da Confederação do Peloponeso.

a guerra do Peloponeso poderia se manter. Embora o discurso de Xenofonte não tenha destacado a *métis*/astúcia de Lisandro em sua representação imediata, a capacidade do esparciata em tomar atitudes satisfatórias de acordo com o contexto seria um indício de sua engenhosidade.

Peter Krentz (1989, p. 135) endossa a nossa perspectiva por enfatizar que Lisandro, ao chegar à Jônia, optou por tornar Éfeso a sua base de operações, diferentemente de Cratesípidas, que preferiu Mileto como centro de suas ações militares. Lisandro teria verificado que Éfeso era capaz de facilitar o seu contato com homens influentes do Império Aquemênida. Do mesmo modo, a proximidade de Éfeso com Sárdis seria propícia para que a comunicação dos peloponésios não fosse interrompida por um possível ataque ateniense, já que estavam em Samos e poderiam interferir nas relações espartanas com Quios. O argumento de Krentz evidencia que Lisandro teria um conjunto de estratégias em mente para garantir certa vantagem à “Confederação do Peloponeso” diante de Atenas, aspecto fundamental para pôr fim à guerra.

A capacidade de Lisandro em tomar medidas eficientes diante de situações com inúmeras variáveis demonstra a sua inteligência e sagacidade, além de experiência nesse tipo de prática. Tais atributos são associados à noção de *métis*, cuja acepção engloba não somente essas qualidades, mas também o instinto, o engano, a imaginação, a desenvoltura e a sutileza da mente.

Anatole Bailly (1969, p. 571) declarou que a *métis* poderia ser concebida como sagacidade e prudência, mas também como artifício e perfídia. A explicação proposta por Bailly ressalta a dualidade que o termo carrega em sua acepção, algo que poderia estar diretamente atrelado à forma como os helenos da Antiguidade concebiam as ações da *métis*. Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne (1991, p. 3-4) permitem a expansão de tal concepção, pois a *métis* combina todos esses atributos citados com a experiência advinda dos anos de prática, sendo fundamental para a realização plena de qualquer atividade. Destacam ainda que a *métis* tende a ser empregada em momentos de transição e mudança, cujas situações são ambíguas e desconcertantes, fazendo com que a lógica não se insira em um sistema rígido de pensamento.

Os autores ampliam as suas considerações, afirmando que um sujeito acometido pela *métis* não se comporta pela via comum, utilizando-se da sua astúcia para romper com os parâmetros normais de atitude, acentuando a sua capacidade de superar dificuldades e agir em qualquer direção (VERNANT; DETIENNE, 1991, p. 6). Alessandra Viegas (2009, p. 50-53) enfatiza a lógica supracitada, afirmando que a *métis* é a capacidade de se adaptar às variadas circunstâncias por meio do pensamento rápido e de ardis. Portanto, a *métis*

enquanto astúcia leva o sujeito a unir a sua força e coragem para atuar no momento oportuno, desvencilhando-se de qualquer atribulação.

Com base no que apresentamos, defendemos que a *métis* é um atributo fundamental na representação de grandes líderes políticos, militares e até mesmo de filósofos. Isto porque a capacidade de pensar antecipadamente aos adversários mescla-se à habilidade dos sujeitos de realizar os seus objetivos. Para esta ocasião, Odisseu seria o modelo de herói tipicamente meticuloso que não se equipara a Aquiles em força física e velocidade, mas, supera o filho de Peleu na arte de pensar e engendrar artifícios para superar qualquer atribulação. Adaptando a perspectiva helênica de modelo ideal de guerreiro, sabemos que a *métis*, embora importante, pode ser muitas vezes depreciada pelo fato de imiscuir os seus "adeptos" de um confronto direto.

Neste caso, a sutileza meticulosa pressupõe o rápido pensar para agir com a mesma velocidade, visando à sobrevivência de seus usuários. Novamente, citamos o trabalho de Alessandra Viegas, no qual os múltiplos conhecimentos que Odisseu havia acumulado ao longo de sua vida quando somados à sua mente hábil, tornava-o o herói pouco disposto a morrer no campo de batalha. Por isso, a partir de Jean-Pierre Vernant, Viegas (2009, p. 50-53) classificou Odisseu como um herói amante da vida. Contudo, o fato do *basileús* de Ítaca não estar aparentemente disposto a morrer pela lança inimiga e de forma heroica, fez com que o próprio, por vezes, não fosse o paradigma de comportamento esperado por muitos helenos.

Se relacionarmos essa visão aparentemente depreciada da postura de Odisseu com a Guerra do Peloponeso, não seria exagerado supormos que o exercício retórico de alguns autores atenienses tenha almejado representar a perfídia vinculada à *métis*, como uma característica da *pólis* espartana.¹¹ Em certa medida, o fato de a astúcia ser capaz de eximir os seus usuários de um enfrentamento corpo a corpo, muitos podem tomá-la como um indício de covardia, típico do comportamento feminino.

Verificamos que Xenofonte lida com outro tipo de representação, possivelmente atinente à maneira como um comandante ideal deve agir. Para o ateniense, o ato de enganar ou de desenvolver ardis destinados à obtenção da vitória no campo de batalha é um atributo digno e, até mesmo, esperado dos comandantes.¹² Logo, o discurso de

¹¹ Para além de Eurípides, podemos citar Tucídides (II, 39-40) na "oração fúnebre de Péricles", em que o estrategista ateniense manifestou em seu discurso aos mortos nos primeiros anos da guerra as qualidades de Atenas enquanto sociedade e que lhe garantia superioridade diante de Esparta, caracterizada como uma sociedade enganosa que explorava os seus aliados para obter sucesso em seus empreendimentos militares.

¹² Na obra *Agésilau* (1, 14, 17, 28; 6, 5; 11, 5), a capacidade do *basileús* homônimo em enganar os seus inimigos no campo de batalha torna-o um modelo de conduta militar e de *estratego*, uma vez que as suas ações visam o benefício de seus aliados e de sua *pólis*.

Xenofonte materializa uma representação de Lisandro que, além de elogiar os feitos do esparciata, não deprecia a habilidade marítima de Atenas. Do mesmo modo, Xenofonte parece ser o “porta voz” da transformação dos valores helênicos, pois a sua capacidade de admirar a argúcia como um artifício militar poderia colocar em “xeque” toda uma tradição que tinha a valentia do enfrentamento direto como o exemplo máximo de honra e virilidade no campo de batalha. Entretanto, depois de tantos anos de guerra e poucos resultados práticos e efetivos que garantissem o seu fim, Xenofonte teria passado a pensar em outros meios para a obtenção da vitória em combate.

No que concerne à *métis* de Lisandro, outra de suas manifestações se deu quando o navarco esperou o momento mais adequado para fazer com que Ciro, “o jovem”, aceitasse a sua proposta de pagamento aos remadores e marinheiros. Xenofonte esclarece que os embaixadores lacedemônios que acompanhavam Lisandro diante de Ciro solicitaram que o soldo diário dos guerreiros fosse de um dracma ático. Contudo, o sátrapa afirmou estar impossibilitado de agir de forma distinta ao estabelecido por seu pai, mantendo a remuneração vigente. Segundo o discurso de Xenofonte, o intuito dos lacedemônios era fixar uma quantia de pagamento maior que o das embarcações atenienses, fazendo com que os mercenários da Confederação de Delos abandonassem as suas naus e fossem para o lado peloponésio (Xen., *Hell.*, I, 5, 4-5).

Peter Krentz (1989, p. 135-136) esclareceu que os remadores e marinheiros atenienses eram pagos com uma diária de três óbolos por dia. Quando os lacedemônios solicitaram que os tripulantes de suas naus recebessem um dracma, estes acabariam obtendo o dobro do soldo ático, sendo esta uma ótima tática para enfraquecer a força braçal das embarcações inimigas.

No discurso de Xenofonte, Lisandro não se opôs ao posicionamento de Ciro, sendo este um indício de sua *métis*, por saber que aquele não seria o melhor momento de agir. Todavia, após a ceia, quando todos estavam satisfeitos, Ciro propôs um brinde a Lisandro e perguntou o que lhe deixaria mais satisfeito. Aproveitando-se da situação, Lisandro afirmou que o aumento de um óbolo no pagamento de seus homens o faria satisfeito (Xen., *Hell.*, I, 5, 6).¹³ Embora os lacedemônios não tenham conseguido um pagamento de seis óbolos (ou um dracma) aos seus marinheiros, a perspicácia de Lisandro permitiu que eles recebessem quatro dracmas. Essa atitude pode parecer simplória, entretanto o esparciata fez com que Ciro não pudesse rejeitar o seu pedido devido à circunstância.

Interessa-nos pensar que o oportunismo das ações de Lisandro revele-se como um indício de sua *métis*. O discurso de Xenofonte expressiu que o navarco tinha conhecimento

¹³ A resposta de Lisandro foi: εἶπεν ὅτι εἰ πρὸς τὸν μισθὸν ἐκάστῳ ναύτῃ ὀβολὸν προσθεῖης

de sua posição, mas também do lugar que Ciro ocupava na dinâmica entre Esparta e o Império Aquemênida. Desse modo, quando Lisandro partiu ao encontro de Ciro, as suas “moedas de barganha” para com o sátrapa eram diminutas, havendo a necessidade de atitudes outras que lhe permitissem obter o resultado esperado por vias que não fossem as convencionais. Assim, a previsão que o esparciata promoveu em relação às ações de Ciro se mostraram bem-sucedidas, destacando o quanto Lisandro soube lidar com a adversidade de sua situação para assegurar o sucesso de seus interesses.

Considerando que Lisandro poderia ter utilizado o questionamento de Ciro para se beneficiar, a sua postura acabou representando a ideia de que o bem-estar de sua *pólis* e o sucesso do Peloponeso na guerra vinham em primeiro lugar. O discurso de Xenofonte insere a representação de Lisandro no *hall* dos grandes heróis de batalha, dos seus líderes exemplares, afinal, a capacidade de se abster dos seus interesses particulares em prol de sua sociedade era algo admirável e merecia elogios.¹⁴ Considerando a postura de Xenofonte e a sua aparente crítica à democracia de Atenas, o elogio das ações de Lisandro reverberam na própria constituição de Esparta. O discurso do ateniense acerca das leis e dos valores de Esparta podem ser apreendidos em sua *Constituição dos Lacedemônios*,¹⁵ na qual o enaltecimento do ideal coletivo espartano destaca os benefícios de uma sociedade dotada de *eunomía* e com uma forma de governo legítima nos moldes aristocráticos.

Pouco tempo depois, Lisandro venceu uma batalha contra os atenienses em Notium (406), onde Alcibíades deixou as suas embarcações com o seu piloto, Antíoco, e partiu para o Helesponto com o intuito de encontrar o comandante ateniense Trasíbulo. Possivelmente, ciente das habilidades de Lisandro, Alcibíades determinou que Antíoco não atacasse os peloponésios. No entanto, tendo Alcibíades partido, Antíoco tomou duas embarcações e navegou pelo porto de Éfeso. Na ocasião, Lisandro formou as suas naus e as manteve em ordem para enfrentar Antíoco que, em pouco tempo, recebeu o auxílio das demais embarcações atenienses.¹⁶ Lisandro conseguiu capturar quinze embarcações sem perder uma única, destacando o seu conhecimento das atividades marítimas e a sua capacidade de agir rapidamente conforme a conjuntura do momento (Xen., *Hell.*, I, 5, 11-14).

Considerando as ações de Lisandro, Donald Kagan (1991, p. 317) afirmou que o navarco não manifestou qualquer interesse por combater as embarcações atenienses

¹⁴ No *Agesilau* (4, 6), Xenofonte tece elogios semelhantes a estes, porém, ao *basileús* homônimo.

¹⁵ Com exceção do capítulo 14, em toda a *Constituição dos Lacedemônios* Xenofonte ressalta os benefícios de uma sociedade aristocrática, nos moldes espartanos, e os privilégios que o *dêmos* pode ter ao obedecer às leis de sua *pólis*. Não sem motivos, grande parte desta obra pode ser identificada como uma crítica aos pressupostos democráticos da política ateniense, entre a segunda metade do século V e a primeira metade do IV.

¹⁶ O Historiador de Oxirrínco (*Hellenica Oxyrhynchia*, IV, 3) declarou que Lisandro teria capturado vinte e duas embarcações atenienses, ao invés de quinze.

lideradas por Alcibíades, porém, com a ausência deste e a necessidade de Antíoco por realizar algo grandioso, o esparciata soube aproveitar-se da situação vencendo os atenienses em Notium. As palavras de Kagan enfatizaram o oportunismo de Lisandro, característica diretamente vinculada à *métis*. Sem a sua astúcia, o navarco espartano não teria sido capaz de perceber o quão oportuno era a situação diante de seus olhos.

O fato de aguardar a circunstância e atuar da maneira mais adequada possível para a obtenção da vitória demonstra, no entanto, a experiência de Lisandro nesses assuntos e, possivelmente, os motivos pelos quais fora indicado para ocupar o cargo de navarco. Nesse caso, as atitudes de Lisandro correspondem perfeitamente à assertiva de Alessandra Viegas. O esparciata soube romper com os parâmetros normais de suas atitudes, visando a um benefício maior, cuja realização não tardou a ocorrer, e soube mesclar ainda a perícia e a sabedoria com a sua *métis*, aguardando pacientemente para obter uma conquista significativa diante da marinha de Atenas.

Após um ano de serviço como navarco, Lisandro foi substituído por Calicrátidas, que,¹⁷ devido ao seu tradicionalismo, acabou não realizando os mesmos feitos de seu antecessor. Embora os aliados de Lisandro e o próprio Ciro, "o Jovem", quisessem o seu retorno ao comando das naus do Peloponeso, a constituição espartana proibia que um mesmo esparciata ocupasse duas vezes a navarquia. César Fornis (2016, p. 187) pontuou que a habilidade política de Lisandro – atrelada à sua *métis* – tornava-o uma anomalia no interior da dinâmica marítima espartana, que, até então, não tinha grande expressividade.

Embora Xenofonte não tenha caracterizado Calicrátidas como um estrategista inadequado, ele parece ter servido de contraponto para enaltecer a personalidade de Lisandro. Considerando a ideia na qual a formação de Lisandro não fora a convencional, dedicada aos filhos de esparciatas, grande parte de sua *téchnē* era distinta daquela que manifestava Calicrátidas. Portanto, era possível que este último tivesse o preparo para o comando de expedições terrestres ao invés de atuar como navarco. Convergindo com o exposto, a capacidade de Lisandro em comandar e coordenar ataques marítimos em momentos precisos tornavam-no um elemento paradoxal no interior da lógica militar espartana, que, até então, não havia engendrado grandes navarcos.¹⁸

Dada a conjuntura vivenciada pela Confederação do Peloponeso junto aos jônios e a Ciro, os magistrados de Esparta agiram de modo que pudessem burlar as suas determinações legais, atribuindo a Lisandro mais um ano como navarco. Para isso,

¹⁷ Calicrátidas foi derrotado na batalha de Arginusas, o que levou os jônios a solicitarem o retorno de Lisandro ao comando das embarcações.

¹⁸ Na *Helênica*, Xenofonte apresentará Teleutias e Antálcidas como esparciatas dotados de habilidades no comando naval. Dentre eles, Antálcidas seria oriundo de uma família poderosa entre os esparciatas, enquanto que Teleutias era meio-irmão de Agesilau II, *basileús* e *erómenos* de Lisandro.

nomearam Áraco como comandante e Lisandro como seu *epistoleús*, isto é, secretário direto do navarco, algo equivalente a um vice-almirante (Xen., *Hell.*, II, 1, 7).¹⁹ Entre 406 e 405, Lisandro voltou a atuar na Jônia, sendo este o momento mais importante para a nossa análise da sua *métis*.

O discurso documental nos leva a afirmar que a habilidade de Lisandro era um artifício do qual Esparta precisava se utilizar para assegurar os seus interesses na costa da Ásia Menor. Considerando as conquistas que o próprio realizou durante a sua navarquia, a *pólis* espartana teria a consciência da imagem que Lisandro havia construído de si, o que impactava diretamente na maneira como a sua sociedade era tida pelos seus aliados e inimigos. Neste caso, Lisandro era uma peça necessária para garantir a lealdade de muitos helenos da Jônia, como também havia se tornado vital para que Esparta pudesse vencer a Guerra do Peloponeso. Portanto, criar artifícios que pudessem “adaptar” as determinações constitucionais seria um preço pequeno a se pagar diante da possibilidade de uma vitória naval contra Atenas.

Com o intuito de narrar a trajetória de Lisandro ao retornar à Jônia, Xenofonte declarou que o esparciata partiu de Éfeso para a Cária e dali para Rodes. Desta, Lisandro costeou a Jônia até chegar ao Helesponto, na intenção de controlar as rotas de transporte e comércio de grãos vindos do mar Negro. No Helesponto, Lisandro partiu de Ábidos e costeou Lâmpsaco, onde manteve as suas embarcações de prontidão. Segundo Xenofonte, os atenienses estavam observando as ações dos peloponésios e ancoraram em Egospótamo, situada de frente para Lâmpsaco (Xen., *Hell.*, II, 1, 15-21).

O discurso de Xenofonte acaba tornando-se instigante, caso observemos o curso de Lisandro com outro indicativo de sua *métis*. O navarco “exibiu” as suas embarcações em grande parte dos pontos marítimos estratégicos do Egeu, possivelmente com o intuito de invocar a entrada de Atenas em um combate marítimo. Por sua vez, o esparciata tomou essas atitudes para tornar evidente aos aliados e aos inimigos da Confederação do Peloponeso que ele havia voltado para concluir os intentos de outrora, isto é, libertar os jônios do domínio ateniense. Essa propaganda de Lisandro tinha o potencial de levar algumas *póleis* a se revoltarem contra Atenas, bem como de angariar aliados dispostos a se unir a este aparente objetivo/exercício de liberdade.

Este ponto demarca o início da batalha de Egospótamo, na qual o discurso de Xenofonte acaba representando Lisandro como um líder munido de características ideais, como a capacidade de tomar ações precisas, a paciência para agir no momento oportuno e a capacidade de enganar os seus adversários (Xen., *Hell.*, II, 1, 22-23). De fato, o discurso

¹⁹ A ideia de que o *epistoléus* seria um vice-almirante foi defendida por Anatole Bailly (1969, p. 346).

documental da *Helênica* apresenta, novamente, a *métis* como um atributo específico de Lisandro. Isso não quer dizer que outros personagens históricos não tenham manifestado atitudes e práticas astuciosas. Contudo, no contexto da batalha de Egospótamo, o enfoque do discurso de Xenofonte foi a capacidade do navarco em antecipar as ações inimigas, visando a uma vitória sem grandes esforços.

No mesmo dia, ao anoitecer, o esparciata teria disposto que os seus subissem nas embarcações depois de se alimentarem e estendessem a tela contra flechas, tomando todas as disposições necessárias para um combate. Todavia, os peloponésios também foram ordenados que mantivessem as embarcações alinhadas e não saíssem em combate. Ao nascer do Sol, as naus atenienses formaram diante do porto de Lâmpsaco e esperaram a iniciativa de Lisandro e de seus homens. Ao aguardarem por um longo período, os guerreiros de Atenas retornaram para Egospótamo (Xen., *Hell.*, II, 1, 23).

A *métis* de Lisandro já se fazia perceber no fato de ter pensado na reação dos atenienses para o combate, muito embora esta fosse a atitude mais esperada na situação. Ainda assim, não podemos desconsiderar que a marinha ateniense tinha a confiança de suas habilidades, recursos e equipamentos. Por isso, a aparente ansiedade das atitudes dos guerreiros de Atenas estaria diretamente associada à crença em seu talento com atividades marítimas, algo que Lisandro também teria previsto que iria acontecer.

Por sua vez, os atenienses não esperaram a postura de Lisandro em ordenar que embarcações rápidas seguissem os seus inimigos e vigiassem o que eles faziam ao desembarcar (Xen., *Hell.*, II, 1, 24). O ato de observação, ordenado por Lisandro, ressalta a preocupação do navarco de obter o máximo de informações para agir da maneira esperada no momento favorável. A *métis* de Lisandro foi fundamental neste momento, afinal, a habilidade de Atenas junto à marinha era invejável e uma derrota da Confederação do Peloponeso, mesmo com o financiamento persa, poderia significar mais alguns anos de conflito.

Embora não tenhamos comentado, até o presente momento, a derrota ateniense em Notium, ela fez com que Alcibíades perdesse o seu apelo popular junto aos atenienses, por acreditarem que este fracasso militar se deu pela negligência do comandante e a sua conduta dissoluta (Xen., *Hell.*, I, 5, 16). O retorno de Alcibíades, em nossa análise, dá-se pelo fato de este perceber a posição desvantajosa dos atenienses ancorados em Egospótamo, afinal, eles se encontravam em uma praia sem porto e não tinham como suprir facilmente as suas necessidades básicas de recursos.

Os comandantes das embarcações da Confederação de Delos argumentaram que Alcibíades não poderia falar, uma vez que já não era mais o comandante, assim ele partiu (Xen., *Hell.*, II, 1, 25-26). Aqui, o discurso de Xenofonte acabou tecendo uma representação

prestigiosa de Alcibíades, cuja percepção permitiu que concluísse o quanto os atenienses estavam prejudicados naquela conjuntura. Esse Alcibíades, aparentemente injustiçado pelos excessos de seu piloto, demarca a sua habilidade e a sua *métis*, tornando-se capaz de rivalizar e/ou superar Lisandro, se houvesse a possibilidade.

Temos como hipótese que a representação de Alcibíades como um homem experiente no campo da atividade marítima, em detrimento dos outros comandantes atenienses, foi um artifício de Xenofonte para criticar a democracia ateniense. Afinal, a saída de Alcibíades da condição de estrategista se deu pela escolha do *dêmos* da Ática. Neste caso, muito embora as medidas de Alcibíades tenham sido precipitadas – ao deixar toda a frota sob o comando de seu piloto –, essas não eram suficientes para que se substituísse um líder habilidoso por outros incapazes de perceber aspectos geográficos aparentemente óbvios. Logo, a representação edificada pelo discurso de Xenofonte teria o propósito de censurar as escolhas do *dêmos*, ressaltando o quanto um governo “liderado” pelo povo era pernicioso para uma *pólis*.

Retomando o discurso de Xenofonte, Lisandro teria vigiado as ações dos atenienses, após desembarcarem, por quatro dias consecutivos. Com isso, “encenou” o início de um combate durante esse tempo, demarcando a sua paciência e experiência, além da sua capacidade de iludir os adversários e dos planos que pôde edificar durante esse tempo (Xen., *Hell.*, II, 1, 24). Xenofonte esclareceu que os guerreiros de Atenas, ao descerem das naus, iam comprar provisões em localidades distantes e se mantinham pouco preocupados com Lisandro, haja vista que este não oferecia combate (Xen., *Hell.*, II, 1, 26).

Considerando que os atenienses passavam algumas horas posicionados diante da formação de Lisandro com o intuito de combatê-lo, é justo afirmarmos que estes retornavam a Egospótamo desejosos de corresponderem às suas necessidades básicas. Assim, os homens de Atenas estariam ansiosos por se alimentarem ou por dormirem depois de muitas horas esperando por um embate marítimo. Isso nos remete à *Ciropédia*, outra das obras de Xenofonte, na qual Cambises I ensinou a seu filho, Ciro, “o Grande”, como se aproveitar dos inimigos. Segundo o discurso atribuído a Cambises, um comandante deveria capturar os seus inimigos quando cometessem um equívoco, pois estes sempre fornecem oportunidades para serem surpreendidos.

O Cambises de Xenofonte (*Cyropaedia*, I, 6, 36) declarou que tanto um comandante quanto um inimigo poderiam ser atacados por terem a necessidade de dormir, de comer e, todas as manhãs, atenderem às necessidades fisiológicas. Para isso, tais homens deveriam buscar as melhores rotas, visando a corresponder a estas conveniências, que deixariam um dos seus lados enfraquecidos. Portanto, caberia ao guerreiro observar os seus opositores para atacá-los no momento oportuno e pelo lado em que estavam sem

proteção. O discurso de Cambises parece refletir a maneira como Lisandro agiu para obter a vitória sobre os atenienses em Egospótamo, afinal foi justamente neste momento que o navarco esparciata se aproveitou para acabar com os conflitos da guerra do Peloponeso.

Ao quinto dia de espera, Lisandro organizou as suas naus, tal como vinha atuando, porém, diferentemente dos dias anteriores, o esparciata ordenou que as suas sentinelas regressassem rapidamente ao confirmarem que os atenienses agiam da mesma forma. Feito isso, os homens designados a espionar Egospótamo voltaram a Lâmpsaco e ergueram um escudo que, devido ao reflexo, indicou aquilo que Lisandro esperava. Rapidamente, ele mandou que as suas embarcações partissem – uma vez que já estavam tripuladas – e tomassem a frota de Atenas. Somente o navarco/estratego Conon conseguiu escapar com as suas embarcações e a nau sagrada Páralo – que fora enviada a Atenas para informar do desastre (Xen., *Hell.*, II, 1, 27-29). Com o intuito de assegurar a vitória dos peloponésios, o esparciata Tórax liderou um contingente por terra com a intenção de impedir que os atenienses fugissem (Xen., *Hell.*, II, 1, 28).

César Fornis (2016, p. 188) nos informou que aproximadamente cento e oitenta embarcações foram apreendidas com a investida de Lisandro e a sua frota. Convergindo os indícios documentais com os apontamentos de Fórnis, defendemos que, durante a batalha de Egospótamo, ninguém foi capaz de rivalizar a *métis* de Lisandro. Ao problematizarmos o discurso de Xenofonte, percebemos que o único com poder para impedir a investida do esparciata seria Alcibiades, que, pela observação precisa, advertiu os atenienses da desvantagem em que se encontravam.

Em certa medida, verificamos que o discurso de Xenofonte estaria para além de uma tentativa de edificar uma louvável representação do esparciata Lisandro. Na verdade, essa postura seria uma das possíveis intencionalidades deste trecho de sua obra. No entanto, podemos depurar que Xenofonte tenha se utilizado de sua experiência como comandante para explicitar os problemas advindos de uma liderança inexperiente, seja no campo político seja no campo militar. Neste caso, o discurso da *Helênica* estaria expondo a uma audiência específica os motivos pelos quais Esparta venceu a Guerra do Peloponeso – ao indicar um homem experiente para um cargo de demasiada importância –, enquanto expunha, por uma via quase oposta, os problemas relacionados às inclinações e às escolhas de um governo democrático.

Sendo assim, a grandiosidade das ações de Lisandro reside na sua conquista sem realizar um combate marítimo que levasse os peloponésios a outra derrota, haja vista a supremacia de Atenas no mar, mesmo sem os investimentos persas. Enfatizamos que, em sua narrativa da batalha de Egospótamo, Xenofonte representou Lisandro como um navarco exemplar, cuja antecipação das ações permitiu finalizar uma guerra que já durava

vingte e sete anos. Vale destacar que antes da emergência de Lisandro no cenário militar lacedemônio, a possibilidade de vitória dos peloponésios era praticamente negativa. Nesse caso, Lisandro realizou tal feito por deter uma *métis* superior a todos os envolvidos no conflito e saber agir no momento oportuno, correspondendo às necessidades de seu grupo e à astúcia que detinha.

Do mesmo modo, ao considerarmos a matriz socrática de Xenofonte e a sua tentativa,²⁰ em quase todas as obras, em promover modelos éticos e práticos de conduta, a *métis* de Lisandro pode ser considerada por uma veia crítica. Em uma realidade belicosa, na qual muitos conflitos bélicos parecem inevitáveis, os comandantes contemporâneos poderiam tomar Xenofonte como um “manual” – respeitando-se as devidas ressalvas históricas, políticas e culturais – para verificarem que nem sempre a melhor saída para uma vitória lida com um enfrentamento direto. Embora não partilhemos de uma “História Mestra da Vida”, não podemos desconsiderar que certos comportamentos sociais parecem máximas antropológicas. Por isso, ainda que a *métis* seja um atributo para poucos, esta deveria ser empregada em maior escala que um confronto aberto, mesmo nos dias atuais.

Referências

Documentação primária

- ANONYMOUS. *Hellenica Oxyrhynchia*. Tradução de P. R. McKechnie e S. J. Kern. Warminster: Aris & Phillips Ltd., 1988.
- ARISTOTLE. *Politics*. Tradução de H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1944.
- PLATO. *Laws*. Tradução de R. G. Bury. London: William Heinemann Ltd., 1961. v. I.
- PLUTARCH. *Lives*. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1959. v. IV
- THUCYDIDES. *History of Peloponnesian War*. Tradução de Charles F. Smith. London: William Heinemann, 1958. v. IV.
- XENOPHON. *Cyropaedia*. Books 1-4. Tradução de Walter Miller. Cambridge: Harvard University Press, 1914.
- XENOPHON. *Hellenica*. Tradução de C. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1918. v. I.

²⁰ O fato de Xenofonte ter sido próximo a Sócrates, como demonstrou na *Anábasis* (III, 1, 4-5), informa-nos que uma parcela das suas ideias se assemelha às de Platão, sendo este um indicio de uma possível formação comum sob a tutela de Sócrates.

XENOPHON. *Anabasis*. Tradução de C. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

XENOPHON. *Scripta Minora*. Tradução de E. C. Marchant. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

Obras de apoio

BAILLY, A. *Dictionnaire abrégé Grec-Français*. Paris: Hachette, 1969.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.

COOLEY, M.G.L. (Ed.). *Sparta – LACTOR 21*. London: London Association of Classical Teachers, 2017.

DETIENNE, M.; VERNANT, J.-P. *Cunning intelligence in Greek culture and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

FORNARA, C. W. *The nature of history in Ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press, 1983.

FORNIS, C. *Esparta: la historia, el cosmos y la leyenda de los antiguos espartanos*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2016.

GRAY, V. *Xenophon's mirror of princes*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

JOURDAN, C. A. *Métis: do reconhecimento do Mar Mediterrâneo ao domínio do Mar Egeu*. Curitiba: Prismas, 2017.

KAGAN, D. *The fall of the Athenian Empire*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

KRENTZ, P. (Ed.). *Xenophon Hellenika I-II.3.10*. Warminster: Aris & Phillips Ltd., 1989.

LAFARGA, R. L. *Comentario histórico de las Helénicas de Oxirrinco*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2007.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C.; NEVES, M. H. de M. (Coord.). *Dicionário grego-português*. Cotia: Ateliê, 2010. v. 5.

POWNALL, F. *Lessons from the past: the moral use of history in fourth-century prose*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.

VIEGAS, A. S. *Discurso e formas narrativas sobre o belo corpo do herói em Homero: a bela morte e a preservação da vida numa perspectiva comparada*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.